

***A hagiografia moderna: um estudo de caso dos autores Eça de Queirós e Teixeira de Pascoaes.***  
Bruna Giro, Márcia Valéria Zamboni Gobbi. – Letras – Letras – Departamento de Literatura – Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Araraquara.

Pretende-se, nesta comunicação, explorar o caso das hagiografias modernas na literatura portuguesa. O corpus escolhido para tal empreitada serão as narrativas de Eça de Queirós, *São Cristóvão*, de Teixeira de Pascoaes, *São Jerônimo e a trovoada*. A análise consistirá em investigar como as obras retomam a tradição das hagiografias, que remontam ao período medieval, adequando-se ao projeto cultural e literário de cada autor, seguida de uma pequena análise do imaginário mítico-religioso, manifestado nessas narrativas.

A escolha desses autores deve-se primordialmente por terem eles optado por um gênero literário já esquecido e quase que em desuso na literatura, sem falar na respeitabilidade dos autores no cenário da literatura. Procura-se, sobretudo, nesta comunicação, entender por que os autores retomam o gênero das hagiografias, e qual a relação dessas obras com um tema intrinsecamente português; a relação idealizada do passado, recorrente em toda literatura portuguesa, sendo expressa em diferentes formas. Portanto, o viés da análise proposta será temático e inscrito no campo da hagiografia literária.

A hagiografia é classificada tradicionalmente com sendo um subgênero da Historiografia, e sua fertilidade literária compreende o período histórico da Idade Média - uma época muito influenciada pela religiosidade, predominantemente da Igreja Católica. As hagiografias eram narrativas fantásticas sobre a vida dos santos. Tinham uma funcionalidade, para a época, predominantemente didática e de fundo catequético. Os santos eram pessoas que haviam vivido exemplarmente, de acordo com os dogmas católicos; e, portanto, suas vidas eram modelos que deveriam ser seguidos. É interessante perceber que nas hagiografias medievais, a presença do fantástico, do milagroso é um procedimento muito recorrente.

Com a perda do poder clerical, que no período medieval dominava a sociedade feudal, as hagiografias perderam sua função catequética, e passaram a ser analisadas como pura e simples literatura. Apesar de seu ápice literário ter se centrado na Idade Média, podemos encontrar nos séculos, XIX e XX, o subgênero retomado nas obras de Eça de Queirós, nas *Últimas Páginas* (1898), com as legendas de *São Cristóvão*, *Santo Onofre e São Frei Gil* e de Teixeira de Pascoaes, nos livros *São Paulo* (1934) e *São Jerônimo e a Trovoada* (1936). Para este estudo, foram escolhidas as narrativas de *São Cristóvão* e *São Jerônimo e a Trovoada*.

É curiosa a proposta desses dois autores portugueses: a de retomar um gênero literário que remonta aos tempos feudais e que há muito havia sido esquecida.

Eça de Queirós, assim como Pascoaes, escreve as *Vidas dos Santos* na fase terminal de sua criação literária. Tanto que elas estão reunidas numa antologia denominada pelo organizador, Augusto Pissara, de *Últimas Páginas*. Sabe-se que o autor de *S. Cristóvão* viveu numa época literária conflitante, em que os realistas, nova escola literária que emergia e prezava uma *autognose portuguesa* e uma revolução cultural posicionavam-se contra a já decadente escola romântica, que prezava uma literatura nacionalista e subjetivista.

Durante a sua vida literária, Eça sempre se preocupou em denunciar, com sua apurada ironia, a realidade portuguesa; a degradação moral e social pela qual passava Portugal, esquecida e ilhada pelo resto da Europa, fazendo um retrato da decadência causada pelo atraso industrial, e, portanto, econômico. Segundo os apontamentos de António Sérgio, Eça de Queirós desenvolve uma *tese-cúpula*, que explicaria os motivos da decadência portuguesa. Essa tese pregaria que o tédio e o ócio seriam os responsáveis pela situação degradante da sociedade portuguesa. A solução para essa problemática, para António Sérgio estaria justamente apregoada nas *Vidas dos Santos*: a paixão pelo próximo, a dedicação a uma vida de trabalho e sofrimento, a anulação individual em favor do outro seriam a solução para a inércia e decadência portuguesa. Assim, o autor, que escreve a biografia em sua fase de “Vencido da Vida”, consegue encontrar a solução para a problemática social que desde o início de sua criação literária ocupava as páginas de suas obras, não perdendo o intento, ainda que um pouco desiludido com Portugal, de uma reestruturação do país, a tão sonhada Revolução Cultural.

A Geração de 70 foi a primeira a perceber e denunciar a real condição de um Portugal decadente, fazendo a primeira *autognose* portuguesa. Eça de Queirós desvela a sociedade portuguesa; para Eduardo Lourenço, “nunca um homem amou e detestou tanto uma nação” (1992.p.115). Tenta realizar

a revolução cultural, mas esta não surte o efeito pretendido. Então, Eça e seus companheiros das Conferências do Casino desistem, e se autodenominam os “Vencidos da Vida”. É nesta fase, de profunda decepção e introspecção que Eça escreve as suas *Últimas Páginas*, em que estão inseridas as *Vidas dos Santos*.

Teixeira de Pascoaes também sonhava com uma reestruturação de Portugal. Mas, diferentemente de Eça, não era através das críticas e ironias mordazes que o poeta e biógrafo pensava atingir seu objetivo - colocar Portugal em foco novamente no contexto europeu através de um projeto literário e cultural, que ficou conhecido como Saudosismo.

O Saudosismo, corrente literária que desponta no início do século XX, com a publicação da 2ª série da revista *A Águia*, em 1912, teve como mentor Teixeira de Pascoaes. O Saudosismo procurava o “traço mais genuíno da alma nacional” (1912), e este estaria presente no sentimento da saudade, descrita pelo próprio Pascoaes como “sentimento-idéia ou emoção-refletida” (1912). O sentimento saudoso estaria relacionado ao instinto emotivo do povo, ao misticismo, apegando-se, ao mesmo tempo, à herança cristã e pagã. Pascoaes sonhava em construir um novo Portugal; ou melhor, ressuscitar a pátria portuguesa, numa tentativa de trazer a Portugal algo semelhante ao que primeiro António Vieira e depois Pessoa vieram a chamar de *Quinto Império*. De caráter extremamente místico e messiânico, esse império viria trazer Portugal novamente ao cenário mundial, mas diferentemente da época das Grandes Navegações, o Império seria cultural e não monetário.

Esse renascimento seria alimentado pela Saudade, um sentimento caro apenas aos portugueses, visto que a palavra saudade é apenas encontrada em língua portuguesa, a saudade do ausente, do oculto. Esse sentimento remonta a vários temas e lugares comuns da literatura portuguesa. Para Pascoaes, a Saudade se metamorfoseava em deusa, mas também na Virgem Maria, uma mescla de mitologia pagã e cristianismo, que se reflete em toda a obra do poeta. Era através da Saudade que se entenderia todo esse desejo de mudança, do nascer de um novo Portugal, que um dia já havia sido uma grande nação, o saudosismo manifesta ainda um caráter messiânico e profético, aceitando Pascoaes o advento de uma nova “era lusíada”. É nesse contexto que devemos entender *São Jerónimo e a trovoada*. Pascoaes foi sempre ligado à religião cristã, apesar de se ver fascinado pela mitologia pagã; tal conflito se manifesta em S. Jerónimo. O santo se vê dividido entre as leituras e culturas cristãs e as greco-latinas, como Ovídio, por exemplo. O santo também representa, assim como para Eça, um modelo exemplar, que deve ser seguido para se evoluir, o que também cabe ao projeto saudosista: apenas com a anulação individual e a preocupação com o próximo poderia ocorrer o renascimento, não só de Portugal, mas também de um novo mundo. As hagiografias de ambos os escritores estendem seus projetos para além de Portugal, pois há a pregação de um projeto universalista.

A obra de Pascoaes é permeada pela presença constante da Natureza, do sincretismo religioso (a existência concomitante de elementos pagãos e cristãos), e pelas sombras e o fantasmático, motivos comuns da obra pascoalina. Em *São Jerónimo e a trovoada* não seria diferente. Embora essa obra pertença a um projeto mais universal de Teixeira de Pascoaes, assim como *São Cristóvão*, a obra de Pascoaes comporta todos esses elementos acima descritos. O santo em questão vive historicamente, num período de transição, da Antigüidade Clássica para a Idade Média; São Jerónimo vive num período de grande turbulência, o das invasões bárbaras. O eremita é atormentado por várias sombras que se instalam em sua mente. Ele se vê dividido entre sua paixão pelos autores pagãos e sua devoção pelos doutores da fé, sendo também submetido a tentações demoníacas, durante seus sonhos, entre as sombras da noite. O santo vive uma vida de auto-aperfeiçoamento, penitência e devoção, numa constante evolução para a plenitude santificadora. Esse auto-aperfeiçoamento pode ser traduzido, dentro do contexto saudoso, num aprimoramento intelectual, elemento este fundamental para a concretização do projeto de Pascoaes. É necessário despertar o povo português para uma autognose de sua situação no mundo, para então se partir para o tão sonhado Quinto Império.

Esse *novo mundo*, essa regeneração do velho mundo, pode ser posto a uma análise mítica. Podemos interpretar o renascer como uma volta à mitológica Idade de Ouro, cantada na Antigüidade clássica por Ovídio, nas *Metamorfoses*. O livro narra a existência de três idades míticas: a de Ouro, de Bronze e de Ferro. A Idade de Ouro teria seu correspondente cristão no jardim do Éden, a de Bronze, no mundo, como o conhecemos e a Idade de Ferro, seria um período de penúria e violência. Segundo Ovídio, a Idade de Ouro um dia voltaria, e ela viria após a Idade de Ferro. Têm-se, então, a retomada do mito das três Idades, de Ovídio, encarnado na promessa de um novo império messiânico português.

O mito é inerente ao gênero hagiográfico, pois suas narrativas são essencialmente fantasmáticas e místicas. O imaginário hagiográfico tem uma riqueza de recorrências míticas, como as aves, que podem representar mau agouro, ou a fonte de alimento; a natureza, que dialoga com o santo iluminado, trabalhando como protetora e guia, e a figura do anjo, como conselheiro, mensageiro ou protetor.

Pretende-se fazer, ainda, nesta pesquisa, um panorama do conceito de hagiografia medieval e da retomada do gênero na literatura moderna. Neste momento da investigação, tentou-se expor a razão pela qual as hagiografias são retomadas, dentro do contexto da saudade, caro tanto a Eça quanto a Teixeira de Pascoaes, com uma pequena amostra do vasto imaginário mítico religioso das hagiografias.

LOURENÇO, EDUARDO. **O Labirinto da Saudade**. 3. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

GUIMARÃES, Fernando. **A poética do saudosismo**. 1. ed. Lisboa: Presença, 1988.

PASCOAES, Teixeira. **São Jerónimo e a Trovoada**. Lisboa: assírio & Alvim, 1992.

QUEIROZ, Eça. **Últimas Páginas**. São Paulo: Brasiliense, 1961.

MINÉ, Elza; CANIATO, Benilde Justo (Org.). **150 anos com Eça de Queirós**. São Paulo: USP/Centro de Estudos Portugueses, 1997.